

O CONGO NO CONTEXTO CULTURAL CAPIXABA

Anardino Jose da Silva Junior

Faculdade de Música do Espírito Santo - anardinojunior@gmail.com

Resumo

Por este artigo procura-se compreender a disseminação e preservação do congo capixaba, a partir da análise feita na banda de congo Amores da Lua. Esta banda, mantém suas atividades há 70 anos, participando dos festejos religiosos e tradicionais que constituem o calendário litúrgico congueiro. A tradição é mantida pela banda por meio da oralidade e da realização de apresentações em instituições educacionais de ensino tais como escolas, faculdades e universidades com o objetivo de disseminar a prática do congo. A pesquisa aponta que há um forte empenho por parte dos integrantes em dar continuidade a esta cultura, mas foi possível perceber também certo desencanto em relação ao apoio recebido por parte dos órgãos competentes quanto a cooperação na liberação de recursos financeiros relacionados à estrutura logística para realização dos eventos. Outro ponto relevante foi a observação no desnivelamento quanto ao número efetivo de bandas de congo entre os municípios de Vitória.

Palavras-chave: Preservação, Patrimônio Cultural, Congo.

Abstract

For this article seeks to understand the dissemination and preservation of capixaba congo, from the analysis in the band congo Loves the Moon. This band keeps its activities for 70 years, participating in religious and traditional festivities that make up the liturgical calendar congueiro. The tradition is maintained by the band through orality and delivering presentations in educational institutions of education such as schools, colleges and universities in order to spread the practice of congo. The research shows that there is a strong commitment on the part of members in continuing this culture, but it was revealed also certain disenchantment with the support received by the competent bodies as cooperation in the release of financial resources related to logistics structure to perform events. Another important point was the observation in unevenness on the actual number of congo bands between Victory municipalities.

Keywords: Preservation, Cultural heritage, Congo.

Introdução

Em cada realidade social a cultura se apresenta de forma diferente, cabendo a cada indivíduo conhecer seu sentido intrínseco para que possibilite a valorização de suas práticas, os princípios e as transformações a que elas se submetem. Segundo Abaurre (2005) "manifestações culturais como as festas, folguedos e brincadeiras que são inventadas pelo povo, é de grande significado para a vida social, pois é diretamente por elas que a comunidade integra-se e se reconhece". Isto resulta no fortalecimento de uma determinada sociedade, evitando desta forma a desagregação e a evasão territorial, práticas que são bem comuns em locais onde não há essa vivência sodocultural.

Algumas expressões culturais surgem de forma espontânea, em um processo anônimo por grupos ou por indivíduos e são produzidas genuinamente, observando que são expressões que emanam das emoções, da fé e dos valores morais de um determinado agrupamento social (ABAURRE, 2005).

Em terras capixabas bem como em todo território brasileiro estas manifestações foram construídas ou herdadas, e se mostram hoje em grande número e amplitude, devido às diversas etnias que se instalaram neste território, sendo que algumas delas já ocupavam estas terras antes mesmo do período da colonização. Segundo Abaurre (2005, p.12), "[...] cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes." Muitas destas práticas culturais perpassaram gerações, e por suas características, consolidaram a história e identidade de grupos sociais diversos.

A Importância da Cultura na Construção Social

Observando a cultura de um povo, verificamos que algumas manifestações são mais expressivas, com características peculiares de cada região. A exemplo disso temos o carnaval de Olinda com seus bonecos gigantes, a capoeira e o acarajé da Bahia, a panela de barro e a moqueca capixaba dentre outras. O reconhecimento do valor e significado destas culturas por parte da sociedade contribui para que estas práticas sejam reconhecidas como patrimônio cultural.

No Espírito Santo, o congo ganhou esse título no dia 20 de novembro de 2014. Muitas comunidades tem se empenhado em manter essa tradição viva, por

meio das bandas de congo existentes em várias regiões do estado.

Tendo em vista que o patrimônio cultural é uma herança, e enquanto tal deve ser preservado, esse artigo justifica-se pela oportunidade de trazer o conhecimento acadêmico, além de contribuir para efetivação do processo e sua culminância até a manutenção e continuidade desta tradição pelas bandas.

A prática do congo está diretamente vinculada às bandas, sendo hoje em torno de setenta bandas de congo no Espírito Santo. Este artigo traz como foco central a Banda de Congo Amores da Lua, por ser uma das mais antigas do estado, totalizando 70 anos de história e de contribuições para a disseminação desta cultura. Outro fato relevante observado nesta banda, é que por todo esse período esteve sob a responsabilidade de uma única família, a família Sales. A Banda de Congo Amores da Lua está situada na região norte da ilha de Vitória, no Bairro Santa Martha.

Há quem diga que uma pessoa não possui cultura quando ela não tem contato com a leitura, artes, história, música, etc. Se comparamos um professor universitário com um indivíduo que não sabe ler nem escrever, a maior parte das pessoas chegaria à conclusão de que o professor é “cheio de cultura” e o outro, desprovido dela. Populamente a cultura está relacionada à inteligência e ao grau de conhecimento, porém para a antropologia - ciência que se dedica ao estudo aprofundado do ser humano e seu comportamento - “toda cultura é de grande valor no contexto social de um determinado grupo de pessoas, e jamais pode ser considerada mais ou menos importante uma da outra”. (MELLO, 2009).

Se o termo cultura está vinculado ao comportamento de um determinado grupo de pessoas, toma-se injusto o julgamento quanto ao modo de vida deste ou daquele povo, esta análise seria baseada em preconceitos. Afirmar que o índio que não tem uma formação acadêmica, nem conhecimento teórico-musical, por exemplo, não possui cultura é um equívoco, pois seria o mesmo que afirmar que seus costumes, tradições, sua língua não têm nenhum significado.

Não existe relação necessária entre características físicas de grupos humanos e suas formas culturais [...]. A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza (SANTOS, 1996, p.15).

Segundo Mello (2009), “a cultura é definida como uma rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis,

moral, línguas, etc.". Nesse sentido, entendemos que é impossível que um indivíduo não tenha cultura, afinal, ninguém nasce e permanece fora de um contexto social, seja ele qual for. Este conceito identifica que todo indivíduo é provido de alguma cultura, ainda que por observação de alguns esta seja de maior ou de menor relevância.

A cultura é adquirida através da vida prática, que provavelmente irá determinar novos valores no decorrer da vida, pois o indivíduo irá se valer do conhecimento adquirido através de suas próprias experiências ou de experiências de seus antepassados como um ponto de partida para formar suas opiniões, seus objetivos e até mesmo a construção de seu caráter.

O povo capixaba e sua diversidade cultural

Não diferente da formação das demais regiões do país, o Estado do Espírito Santo, se estabeleceu por uma forte influência de diversos povos. O processo de colonização ocorreu a partir de 1880, iniciado pela faixa litorânea devido ao posicionamento geográfico, como também no sul do Estado devido às condições climáticas. A ocupação também ocorreu em função da vinda de migrantes das Minas Gerais, do Nordeste, do Rio de Janeiro, entre outros estados. "Os grupos de estrangeiros que compuseram a identidade capixaba destacam-se, em quantidade migratória, os italianos, alemães e poloneses". (DADALTO, 2007, p. 57).

As diversidades culturais do território capixaba são verdadeiras riquezas, pelas quais conhecemos parte da realidade de nossa gente a partir das singularidades regionais, que proporcionam uma identidade exclusiva de cada agrupamento social, seja através de suas tradições folclóricas (festas e danças), da arte (pintura e arquitetura), da música, das crenças religiosas, da agricultura e da culinária.

[...] não é possível compreender o coletivo sem que se deixe de levar em conta a história, com todo seu movimento de continuidade e rupturas. Dessa maneira, é necessário vincular o relacionamento entre os grupos de convivência e referências do indivíduo. Ao estabelecer este vínculo revelam-se também os tipos e as formas de interações existentes entre os grupos ou a sua identidade grupal. Ou seja, ao interagir com o grupo o indivíduo se apropria das representações coletivas, tomando como sua as lembranças do grupo. O que possibilita avaliar uma perspectiva de análise incluída na integração dos imigrantes estrangeiros e brasileiros ao colonizar o Espírito Santo e provocar sua miscigenação e desenvolvimento composto de identidades diversas (DADALTO, 2007, p. 69-70).

Foi nesse ajuntamento de povos, que se buscavam um objetivo comum, que

era a consolidação de um futuro estável e promissor, que todos empregassem suas tradições de trabalho, associando-as às suas crenças. Nas conquistas, comemoravam com suas danças e músicas, onde não podiam faltar suas comidas típicas. Esse enredo promoveu entre eles uma interação multicultural e assim deixaram através de suas tradições e costumes, uma grande contribuição cultural para o povo Capixaba.

Patrimônio cultural capixaba

Se houve essa miscigenação na formação do povo Capixaba, cada cidadão torna-se herdeiro de parte das tradições vindas de povos distintos, os quais deixaram um importante legado cultural, que baseiam nossos valores atuais. Estes valores constituem o patrimônio cultural de cada região.

“O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida”. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas [...] Conferência Mundial sobre as políticas culturais, realizada no México em (1985).

Sendo fruto desta mistura de povos, o congo capixaba no dia 20 de novembro de 2014 foi registrado como patrimônio cultural imaterial do Espírito Santo, estando inserido entre as festas, celebrações e folguedos que marcam ritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade e do entretenimento capixaba. (CONDE, acesso em 22 de Maio de 2015).

A preservação do patrimônio, segundo Figueiredo (2014, p.91) deve estar relacionada ao seu real significado cultural, considerando-o como uma ferramenta útil para o desenvolvimento social, possibilitando que a sociedade se aproprie de sua memória e de sua diversidade cultural.

O congo capixaba

O congo capixaba é resultado da diversidade cultural dos diferentes agrupamentos sociais que povoaram o Brasil desde a colonização. “Esta expressão cultural se apresenta num aspecto de caráter histórico e folclórico, através da dança, do rito e da religiosidade”. (PEREIRE, 2014).

O congo é uma importante manifestação cultural do Espírito Santo. Presente em vários municípios, as bandas de congo preservam a tradição em suas práticas. Os personagens, as roupas, as canções, os instrumentos, enfim, todo um contexto histórico, promovendo a memória e identidade do congo em cada região.

Este tipo de manifestação é um exemplo concreto de que o grande mosaico cultural do Brasil se apresenta de forma peculiar em cada região, de modo a contribuir para a identidade de um povo. Ao destacar sobre as particularidades do congo capixaba Pereira et. al. (2014) acrescenta que “cada banda, conforme sua região busca preservar a forma que recebeu a tradição levando em conta à história, a instrumentação, a forma de entoar suas canções e a maneira de tocar seus instrumentos”

Uma das primitivas Bandas de Congo identificada no Espírito Santo foi integrada por índios Mutuns (do Rio Doce). Ela é registrada pelo Padre Antunes de Serqueira (1832-1897), onde ele descreve que os índios formavam um grande círculo, todos se punham de cócoras, batia as mãos no peito e nas coxas e produziam uns sons estranhos com a boca. Faziam também uns movimentos corporais movidos por uma música muito expressiva e diferente. Neste registro o padre descreve também os instrumentos que eles usam para acompanhar toda essa tradição. Um dos instrumentos foi descrito pelo padre como um bambu dentado, e que corria por ele uma vareta do mesmo material. Este instrumento hoje é conhecido como Casaca. Alguns deles tocavam tambores feitos de um pau cavado, às vezes oco por sua natureza, tendo em uma das extremidades um couro, pregado com tarugos de madeira. Descreve ainda outro instrumento como uma cabaça cheia de caroços dentro, com algum tipo de semente (NEVES, acesso em 18 de jun. de 2015). A casaca aparece como importante instrumento musical nas bandas de congo. Sua característica desperta curiosidade e até mesmo espanto de quem vê. Sobre isso Neves destaca:

[...] como documento valioso, o registro feito, em Nova Almeida, por D. Pedro II, quando por ali andou em fevereiro de 1860. Nessa visita Imperial, rabiscou D. Pedro alguns dados interessantes sobre o conjunto musical, do qual desenhou o nosso reco-reco de cabeça esculpida, anotando, inclusive, o nome “cassaca”. (NEVES, acesso em 18 de jun. 2015)

Infelizmente não há registro das músicas cantadas pelas Bandas de Índios, precursores das bandas de congo, nome como são designadas hoje, no entanto, sabemos que os índios já possuíam suas culturas e línguas e que evidentemente já possuíam suas músicas antes mesmo da chegada de Pedro Álvares Cabral no ano de 1500 que juntamente com seus auxiliares, como Frei Pedro Neto, corista de ordens

município de Serra, em 1857, a partir da devoção do escravo Crispiniano da Silva ao santo que ele pagara uma promessa. Sobre isso ele acrescenta que:

[...] Crispiniano com outros negros pediram ao seu senhor um dia de descanso e uma junta de boi. Quando indagado por que e para quê queria, disse que precisava cumprir uma promessa. Ao ser atendido, foi para a mata arrumar o tronco de árvore que foi trazido no carro de boi. Depois de enfeitá-lo, rodearam a fazenda, cantando e fazendo batuque, sempre vigiados pelo senhor, sua família e pelos capatazes, que também faziam o trajeto montados a cavalos, para que, no caso de alguma tentativa de fuga, pudessem rapidamente capturar os negros. [...] a ideia do tronco de árvore é para lembrar o mastro do navio Palermo, que serviu de boia e que os salvou do naufrágio em Nova Almeida (BORGES apud SCHUCHTER, 2008, p. 53).

A prática do congo se evidencia não só pela questão religiosa mas também da necessidade que viam os escravos de expressarem suas tradições culturais como a música, a dança e a fé, pois isto não lhes era permitido, embora muitos as praticassem mesmo sem o consentimento de seus senhores e quando era descoberto sofriam punições.

Entre as toadas de congos mais conhecidas e executadas pelas bandas estão as de cunho religioso que por sua vez são dedicadas a São Benedito, por ser ele um santo de devoção das bandas, pois creem que foi ele, São Benedito, que proveu o milagre que salvou muitos negros no naufrágio do navio que os trazia para as terras capixabas. A devoção a esse santo no Espírito Santo também foi promovida tanto pelos frades franciscanos, como pelos jesuítas que mantinham a imagem dele em altar, na igreja de São Tiago em Vitória. As composições das canções em nossos dias trazem também um discurso poético, romântico e há ainda aqueles que fazem menção às riquezas da terra capixaba, descrevendo em suas canções as paisagens e a história de um determinado lugar.

Os ilustres personagens que registraram as primeiras referências sobre as bandas de congo, esqueceram-se de escrever, no entanto, o que eles cantavam. Mas por certo, graças a esses registros valiosos, é que hoje conhecemos a sua origem: uma dança ritual dos ameríndios, tomada por empréstimo pelos afro-brasileiros e os portugueses, que nelas imprimiram seus traços culturais: religiosos, linguísticos, musicais, danças rituais e crenças (HISTÓRIA, 2001).

No contexto da devoção a São Benedito as bandas de congo do Espírito Santo mantém viva a tradição da Festa do Mastro, sendo esta manifestação de suma relevância para o congo capixaba, fazendo parte do calendário de festividades anual. Esta festa se divide em quatro etapas, sendo a cortada do mastro, que é a derrubada

de uma árvore escolhida, seguido da puxada do mastro, do levantamento e da fincada do mastro, que é feito ao lado ou diante do templo do padroeiro, as bandas tocam e a comunidade canta louvores ao santo.

A cortada do mastro é feita dias antes da festa e geralmente fica guardado na sede da banda. A puxada do mastro é o ponto principal da festa, enfeita-se o mastro, fixando em uma das suas extremidades o estandarte do padroeiro e o mesmo é levado aos ombros dos fiéis ou conduzidos por réplicas de um navio pelas ruas do bairro onde se localiza a sede da banda, passando por bairros vizinhos, sendo levado até a igreja do orago. As bandas saem caracterizadas com toda pompa que lhes cabe, conduzidas pelo Mestre, rei, rainha, dançarinas, tocadores e arrastam verdadeiras multidões pelas ruas, alguns se agarram ao mastro beijando-o e oferecem flores ao santo, agradecendo e fazendo-lhe promessas.

O congo no Espírito Santo, desde a sua mais antiga formação, passa por algumas adaptações, no sentido de torná-lo mais popular não apenas no sentido religioso, mas também em comemorações, apresentações das bandas em diversas manifestações culturais.

A tradição do congo abrange boa parte do Espírito Santo, principalmente no litoral. São diversas bandas de congo, que estão situadas tanto nos grandes centros, quanto em boa parte do interior do estado. A disseminação do congo em nosso estado, com a formação de diversas bandas, estão vinculadas aos costumes, tanto dos índios quanto dos africanos.

As bandas de congo se diferem umas das outras pelos seus uniformes, de modo que cada região ou comunidade destaca-se por cores específicas dos grupos. A maioria das bandas conta com a rainha do congo. Geralmente suas roupas destacam-se pela beleza e o brilho, diferenciando das demais dançarinas.

A cultura do congo foi se fortalecendo a partir da admiração e adesão de novos participantes por parte da população capixaba, a ponto dele ser reconhecido como um patrimônio cultural capixaba. Isto se deve a grande quantidade de bandas que foram surgindo no estado, de forma organizada, cada banda com sua diretoria, e cada município com sua associação de bandas de congo e estas por sua vez, com o apoio dos municípios, puderam através da prática do congo ofertar às comunidades oportunidades como oficinas de dança, oficinas de instrumentos, criação e apoio às bandas mirins, inserindo crianças e adolescentes neste contexto cultural.

Contribuições das bandas de congo para a preservação da cultura

Participar dos festejos das Bandas de Congo é uma forma de socialização com a comunidade local, ao simples brincar com o congo torna-se uma manifestação onde o indivíduo se expressa e mostra seu sentimento de pertença. A grande maioria dos adeptos a esta prática foram levados às Festas de Congo desde pequenos pelos seus familiares, daí o gosto pelos festejos e a essa cultura especificamente, uma herança que muitos recebem da família e da comunidade. A religião também tem sua contribuição, já que a manifestação além de cultural acontece dentro do contexto da fé católica.

Cada indivíduo, ao nascer, segundo Strey (2002), passa a fazer parte de um processo de socialização já existente. Assim, este passa a apodera-se destes valores através das relações com os outros indivíduos. O homem é considerado um ser de relações sociais, que absorve normas, valores vigentes na família, em seus pares, na sociedade. E assim, é formada a personalidade do ser humano, decorrente, segundo Savoia (1989), desse processo de socialização, no qual se justifica fatores inatos, e adquiridos. Entende-se, por fatores inatos, aquilo que herdamos geneticamente dos nossos familiares, e os fatores adquiridos provém da natureza social e cultural.

O indivíduo ao apropriar-se do conhecimento do meio em que vive e se relaciona com o outro dentro do mesmo contexto social, contrai uma atitude reflexiva quanto a esta prática, e assim decorre o processo com crianças que são levadas pela família e/ou comunidades às comemorações e festejos de uma Banda de Congo tornam-se aliados, adeptos pela ação de preservação e valorização desta tradição de forma natural passando a contrair neste processo de socialização uma atitude reflexiva quanto a esta prática.

Banda de congo Amores da Lua

A história da formação da Banda de Congo Amores da Lua emerge de um desejo particular do Sr. Alarico de Azevedo, que era um bem sucedido funcionário da empresa Vale do Rio Doce na década de 1940, e não perdia a oportunidade de ir todo ano à festa de São Benedito no município da Serra. Sua companheira era Dona Cecília Maria Rosa, uma admiradora do congo e integrada nas manifestações (BICALHO, 2000).

A ideia de formar uma banda de congo foi motivada pelo desejo de brincar

ali mesmo no bairro Mulembá, hoje conhecido como Bairro de Santa Marta. Sendo assim, comprou alguns tambores que estavam sendo vendidos no bairro Jaburuna, município de Vila Velha:

Segundo Bicalho (2000) a comunidade de Mulembá logo aderiu a ideia de seu Alarico, e aos que se integraram à banda não tiveram dificuldades em bater os tambores e nem as mulheres de dançar o congo, pois todos, assim como seu Alarico, gostavam de ir à Festa da Serra, o que acabou contribuindo para a concretização do seu desejo. Naquele período já tinha congo em Maruípe, bairro vizinho de Mulembá. O pessoal de lá vinha ajudar, mas contavam também com a experiência do Sr. Reginaldo Sales, filho de João Sales, moradores do Bairro de Goiabeiras, que já tinha a tradição do congo bastante arraigada.

A disseminação, preservação e os desafios das bandas de congo, sobre a ótica da banda de congo Amores da Lua

Hoje a Banda de congo Amores da Lua conta com trinta integrantes, dentre estes, cinco atuam de forma esporádica nas suas atividades. Eles se dividem em funções específicas, atuando como instrumentistas, dançarinas, princesas, rainha e mestres.

Os desafios enfrentados pela banda de congo Amores da Lua nos dias atuais evidenciam-se quando analisamos a faixa etária de seus integrantes. De 15 entrevistados, 80% têm acima de 50 anos de idade, com exceção do Mestre Ricardo que está com 30 anos e duas de suas dançarinas, uma com 38 anos e outra com 39.



Banda de Congo Amores da Lua. Fonte: PONSECA (1991).

Ao observar que a faixa etária dos integrantes era majoritariamente de pessoas idosas, o Mestre Ricardo foi questionado sobre a falta de integrantes mais jovens na banda, e até mesmo adolescentes e crianças, como é a situação do congo da Serra-ES, por exemplo. Sobre isso ele revela que se deve à falta de interesse deste público, que apesar de gostarem da manifestação só querem participar nos eventos comemorativos em datas especiais, como os cortejos de São Benedito no final de ano, sem se comprometerem com a Banda. Relata também que a discriminação e preconceito, resultante da falta de conhecimento o que contribui para que não se envolvam de forma mais efetiva.

Apesar de toda a simplicidade da população congueira, foi possível verificar que a dedicação dos integrantes da banda é resultado da satisfação que sentem, sendo integrantes ativos nesta manifestação, e não por terem alguma renda como resultado disso visto que, como relata Mestre Ricardo, as atividades da banda hoje, não geram nenhum lucro financeiro, todas as despesas são arcadas pela banda.

Em todos os casos, o compromisso com a banda é exclusivamente por amor ao grupo, e satisfação em participar das comemorações, pois quando interrogados como é a convivência entre eles, são unânimes em dizer: "nós somos uma família". E ao perguntar o que o congo significa para eles, obtivemos também uma única resposta: "o congo é minha vida". Não há nenhuma remuneração pelo esforço e empenho de cada um nos trabalhos executados na banda, o que faz desta resposta uma certeza de que os entrevistados em geral possuem vínculos fortes de afetividade com a banda.



Figura 11: Banda de Congo Amores da Lua. Fonte: Disponível em: <http://bandadecongoamoresdalu.blogspot.com.br/>

Mestre Ricardo relata que na primeira gestão de João Coser como prefeito de Vitória, foi firmado um convênio entre a prefeitura e as bandas de congo Amores da Lua e Panela de Barro. Este convênio contemplava as bandas com um valor mensal, para a aquisição de indumentárias, adereços e instrumentos musicais. Ricardo neste período não era mestre, mas sabiamente acumulou um estoque de tudo que era necessário para a posterior manutenção da banda no que se refere aos utensílios. A visão futurista de Ricardo e a boa administração de recursos financeiros vindo do convênio com a prefeitura de Vitória, é que tem proporcionado hoje aos integrantes da Banda de Congo Amores da Lua estarem bem apresentados em seus trajes, com roupas impecáveis e os instrumentos em perfeito funcionamento.

Hoje todas as despesas da banda incluindo a manutenção de roupas, instrumentos e gastos com viagens para apresentações são mantidas pela própria banda e muitas vezes pelas famílias dos Mestres. “Hoje as coisas são bem diferentes” nos conta Mestre Ricardo: não há recurso nem apoio por parte da Prefeitura. Em reuniões junto à Secretaria de Cultura, Mestre Ricardo conta que a fala é recorrente, sempre há promessas, mas estas nunca se cumprem. Existe um edital disponibilizado pelo governo do Estado, que contempla bandas que apresentam projetos com foco em atividades folclóricas do estado com um valor aproximado a R\$ 10.000,00 reais para a execução, porém a burocracia e o favorecimento a algumas regiões do estado acabam gerando descontentamento por parte do Mestre Ricardo e dos demais integrantes da banda em reunirem forças para continuarem na luta pela conquista deste recurso.

Os integrantes da Banda de Congo Amores da Lua são pessoas comprometidas, dedicadas e fiéis às atividades da banda, mas ao mesmo tempo são pessoas simples e de pouca escolaridade, o que não diminui em nada o valor de cada uma delas no âmbito social e na contribuição para a prática da cultura do congo. Todos têm plena consciência da importância do congo no contexto cultural do Estado, e reconhecem que o congo é Patrimônio Cultural, apesar de não conseguirem definir o significado do termo Patrimônio Cultural ou tampouco identificar tal benefício para a banda.

Nas entrevistas realizadas foi possível perceber que para os integrantes da banda o valor do congo está acima de qualquer título ou reconhecimento sociopolítico, a luta de cada um para preservar esta cultura não está atrelada à visão crítica da sociedade ou de prestígios políticos, mas é algo subjetivo, está relacionado com a alma, significa a “vida”.

Mestre Ricardo acrescenta que a Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo, deixa a desejar em relação ao congo de Vitória, dando mais ênfase ao congo dos municípios da Serra e Cariacica e também que não vê nenhuma proficuidade na manifestação do congo em relação ao título de Patrimônio Cultural. Sobre isso relata que apenas um vídeo foi elaborado com imagens de alguns eventos sobre o congo, porém o destaque é todo para outras regiões, excluindo a cidade de Vitória. Nada do que foi solicitado junto à Secretaria de Cultura após este reconhecimento da cultura foi atendido, nem mesmo o calendário cultural que eles gostariam que constassem nas comemorações anuais. "Nós levamos o congo no peito e na raça," desabafa Mestre Ricardo.

Buscando compreender o porquê de haver um maior direcionamento de recursos por parte dos órgãos Estaduais e Municipais para as regiões de Cariacica e Serra, e isto não acontecer de igual forma na cidade de Vitória, questiono o Mestre Ricardo a que ele atribui essa distinção, neste sentido ele relata que nas duas regiões há Associação das Bandas de Congo. Desta forma por haver maior quantidade de bandas de congo em relação a Vitória, elas se associam e fazem uso deste equipamento para unirem suas forças com o propósito de alcançarem seus objetivos.

A associação é uma ferramenta que viabiliza o acesso aos recursos e estreita a relação entre bandas e órgãos competentes. Mestre Ricardo acrescenta que uma associação só traz resultados quando há harmonia e parceria entre as bandas de congo, assim sendo todos são beneficiados.

Em Vitória, segundo Mestre Ricardo existe duas bandas de congo que são: Amores da Lua no bairro de Santa Martha e Panela de Barro no Bairro de Goiabeiras e complementa que também existiu uma associação de bandas tendo como presidente uma historiadora filha de pan-eleira, nascida em Goiabeiras, porém foi extinta por não apresentar atividades segundo seu propósito requeria.

Ricardo conta que o fato da presidente da Associação ser integrante da banda de Congo Panela de Barro, fez com que seus interesses estivessem voltados para a banda de congo do qual é membro, de modo que não integrava a banda Amores da Lua no contexto dos benefícios adquiridos pela associação. Sendo assim, as bandas Amores da Lua e Panela de Barro tomavam rumos contrários, e a associação perdeu todo seu propósito ficando assim, esquecida. Hoje cada banda de congo de Vitória busca seus próprios interesses no sentido de se ampararem com seus recursos próprios.

Os demais integrantes, ao serem questionados sobre a necessidade de maior apoio por parte do poder público, 80% dos entrevistados concordam que deveria ter mais apoio dos governantes na divulgação da cultura do congo na cidade de Vitória, com menos burocracia e maior praticidade no repasse dos recursos.

Buscamos também compreender a aceitação da manifestação do congo no contexto cultural do estado por parte da sociedade. A pergunta elaborada para a questão foi: "Como o congo é visto pela sociedade?" A única resposta obtida foi: "com preconceito e discriminação". Mestre Ricardo lamenta este fato e atribui esta concepção errônea da sociedade como sendo resultado da falta de conhecimento do significado, da história e da prática da cultura do congo. Essa falta de conhecimento segundo os entrevistados prejudica até algumas apresentações da banda. Dentre as atividades promovidas pela banda neste contexto, estão às apresentações feitas por eles em universidades, faculdades, escolas públicas e outras instituições, mas ainda assim o congo não tem recebido espaço na sociedade, pois a discriminação continua.

Mestre Ricardo relata que, em apresentação numa escola na zona periférica de Vitória, onde professores e alunos atentos e curiosos se reuniam no pátio escolar, a banda apresentava-se com alvivez, o ritmo marcado dos tambores em harmonia com os demais instrumentos, o gingado das dançarinas e a exibição do estandarte com a imagem de São Benedito quando de repente uma profissional da área da educação, levantou-se e com ar de deboche exclamou: "Esse negócio de congo é macumba né?" Mestre Ricardo, manteve a calma e disse: É esse preconceito das pessoas em relação ao congo que tem feito muita gente se afastar e não se interessarem pela nossa cultura, mas eu vou explicar o que é o congo. Após o testemunho do mestre, todas as crianças o aplaudiram e alguns até chamaram a atenção da "tia" por apresentar total desconhecimento à história da cultura do congo.

A ausência de apoio e de recursos, aliados ao preconceito, são fatores contribuem o afastamento de novas gerações a esta manifestação cultural na cidade de Vitória, afirma Mestre Ricardo, além de não sustentarem as atividades contínuas do congo como oficinas, cursos de dança e produção de instrumentos, o que requer custeio alto e a banda não dispõe de recursos financeiros para tal. Os jovens, adolescentes e adultos somente apresentam interesse pelo congo em datas comemorativas quando o congo se apresenta nos cortejos de final de ano, logo após se afastam restando apenas os integrantes que tradicionalmente fazem parte da banda.

A Banda de Congo Amores da Lua infelizmente não tem apoio das novas

gerações que se interessem pela prática da cultura do congo, contudo procura buscar junto aos integrantes da banda e da comunidade, meios de atrair este público juvenil para as suas atividades.

Conclusão

Os capixabas são frutos da miscigenação brasileira, que resultou na diversidade cultural que mantém viva a identidade de um povo com seus valores éticos, morais e religiosos. Manter suas tradições é uma forma de conservar sua história, onde os seus integrantes expressam a diversidade dos processos históricos, econômicos e políticos que contribuem para continuidade cultural.

A realidade do congo capixaba, verificada no trabalho de campo junto com a Banda de Congo Amores da Lua, mostra que há comprometimento por parte dos integrantes da banda, vontade máxima em desenvolver as atividades e utilizar-se de recursos como a transmissão oral, memórias e exposição na mídia entre outros, visando atrair outras comunidades para a adesão da prática e com isso, a preservação do congo, elencando que o patrimônio cultural não depende apenas da adesão da comunidade congueira, torna-se necessário investimento e crédito dos órgãos competentes. Conclui-se que é imperativo o comprometimento do poder público para manter viva esta manifestação cultural.

Finalizo também que se faz emergente, atividades de conscientização para que a sociedade desconstrua a visão preconceituosa da cultura do congo, jogando luz no propósito central da perpetuação da banda, revelando seu encanto, valor cultural e histórico, desmistificando a lenda de uma prática religiosa.

Verifica-se a necessidade de um estreitamento na relação entre a Banda de Congo Amores da Lua com outras bandas, no sentido de revitalizar a Associação das Bandas de Congo da cidade de Vitória, criando estratégias para promover atividades regulares, com oferta de oficinas educacionais com atividades relacionadas a esta manifestação cultural, o que seria também um recurso para atrair novos participantes, haja vista que nesta pesquisa constatou-se que a maioria dos integrantes da banda são pessoas idosas, urgindo assim providências para que as novas gerações participem e através da adesão deem continuidade e despertem o interesse e o carinho das crianças para com esta manifestação folclórica tão tipicamente capixaba.

Tendo como parâmetro o significado e relevância do tema aqui abordado,

clarifica-se a necessidade das bandas, comunidades e órgãos estaduais e municipais, de engajarem-se no propósito de garantir a continuidade desta manifestação popular, possibilitando o acesso ao conhecimento, a vivência e a valorização do congo capixaba. A sugestão é avançar transversalmente da identificação de problemas e ameaças de descontinuidade da tradição, assim como as políticas de incentivo para garantir a viabilidade, preservação, transmissão e atualização do congo.

Referências

ABAURRE, Beatriz. *Tombamento e Preservação de Bens Culturais*. Vitória: Grafitusa, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <http://sabercoletivopedagogia.blogspot.com.br/2009/05/o-que-e-educacao.html> Acesso em: 25 de Maio de 2015.

CARVALHO, Leandro. *Heranças culturais indígenas*. Disponível em: <http://www.alunosonline.com.br/historia-do-brasil/herancas-culturais-indigenas.html>. Acesso em: 05 de Junho de 2015.

Conferência Mundial Sobre as Políticas Culturais realizada no México em 1985.

DIAS, S.O. *História do Congo*. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>. 01 de Junho de 2001.

FIGUEIREDO, Vanessa G. B. Patrimônio Cultural, Cidade, Sustentabilidade: Qual o Papel da Legislação Urbanística na Preservação e no Desenvolvimento? *Ambiente & Sociedade*, vol. XVII, núm. 2, abril-junho, 2014, pp. 91-110. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Campinas, Brasil. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal Scientific Information System.

FONSECA, Hemógenes Lima da. *Tradições Populares no Espírito Santo*. Vitória, Artgraf - Gráfica e Editora -1991.

LINS, Jaceguay, *O Congo do Espírito Santo*. Vitória, Gráfica e Editora GSA 2009.

MELLO, Luiz Gonzaga. *Antropologia Cultural*. Iniciação, teoria e temas. 16ª ed. Petrópolis. Vozes, 2009.

NEVES, Guilherme Santos. *Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba*. Vitória: Cultural-ES, 2008. Obra publicada com recursos da Lei Rouanete patrocínio da Petrobras. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/especiais/coletanea-de-estudos-e-registros-do-folclore-capixaba-1944-1982/> Acesso em: 18 de Junho de 2015.

PINTO, Tales. *Influência Africana na Cultura Brasileira*. Disponível em: <http://www.escolakids.com/influencia-africana-na-cultura-brasileira.htm> Acesso em: 30 de Maio 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* / Darcy Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, José Luiz. *O Que é Cultura*. Primeira edição, 1983. 16ª edição, 1996. 16ª reimpressão, 2009.

SAVOIA, Mariângela Gentil. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

STREY, Marlene Neves (Org.). *Psicologia Social Contemporânea*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.